

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JULHO 2015)

Com base na amostra representativa da IACA (agora de 19 empresas, pela aquisição da Progado pela Cargill), mantendo-se o peso da amostra em cerca de 78% da produção associada), constata-se que em **julho de 2015** a produção se situou em 200 223 toneladas contra as 201 080 tons produzidas em julho de 2014, o que representa uma descida de -0.4% face ao período homólogo do ano anterior. Esta descida ficou a dever-se a uma diminuição da procura em todas as espécies animais (aves -2.3%; suínos -0.7%; outras espécies animais -1.8), à exceção dos bovinos, que continuam a apresentar um crescimento da produção (4.6%), provavelmente ligada, em parte, à situação de seca e de diminuição das pastagens em que nos encontramos.

Apesar da pequena descida, esta não inverte a tendência anual, a qual continua positiva. A produção no ano de 2015 tem sido de relativa instabilidade apresentando alternadamente meses de crescimento e de descida da produção em comparação com o ano anterior. Na prática, se tivermos em conta a média diária, em julho do ano em curso tivemos uma produção de 8 705 tons e no ano passado 8 743 tons, o que significa uma estabilidade (-0.4%) – como aconteceu no mês passado –, o que dá uma melhor ideia da realidade do mercado, que continua a ser bem difícil, numa altura em que a economia atravessa um período de grande incerteza, com a crise da Grécia e os problemas na zona Euro, o futuro da União Europeia, os preços do petróleo com impacto nas matérias-primas mas também nas exportações, e eleições legislativas no curto prazo, em Portugal e em Espanha. Apesar dos números positivos de crescimento do PIB e do desemprego, o endividamento tende a aumentar a adivinhar pelo consumo privado e a austeridade deverá continuar a marcar os próximos anos. A nível mundial, a volatilidade dos mercados, a fuga de capitais de mercados emergentes, a valorização do dólar, a recuperação mais lenta da crise e os recentes problemas na China, também condicionarão a Europa, a par com o embargo russo que nos afeta diretamente. No agroalimentar, o défice da balança comercial portuguesa dos produtos agrícolas e agroalimentares em 2014 (- 3,2 mil milhões de euros) diminuiu 465 milhões de euros face ao ano anterior. No setor das carnes, Portugal produziu apenas 72.2% das suas necessidades (74.1% em 2013), o que ficou a dever-se a uma redução na produção de carne e aumento das importações. Já no leite, a situação foi excedentária à semelhança dos anos anteriores, atingindo agora valores só ultrapassados há uma década atrás (2005). Sem medidas estruturais e outras prioridades para a pecuária, também ao nível da União Europeia, designadamente nos acordos comerciais (TTIP, Mercosul...), limitações como os OGM, a autossuficiência no Horizonte 2020, continuará a ser uma miragem.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Julho 2014	Julho 2015	Variação (%)
AVES	98 362	96 072	-2.3
BOVINOS	43 174	45 139	4.6
SUINOS	47 920	47 596	-0.7
OUTROS	11 624	11 416	-1.8
TOTAL	201 080	200 223	-0.4

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2013	2014	2015	VAR%2015/14
JANEIRO	189 328	190 285	183 315	-3.7
FEVEREIRO	172 053	169 253	169 178	-0.04
MARÇO	183 095	180 561	194 134	7.5
ABRIL	191 697	185 747	192 758	3.8
MAIO	198 611	187 486	179 461	-4.3
JUNHO	175 204	182 590	190 011	4.1
JULHO	193 298	201 080	200 223	-0.4
AGOSTO	192 228	185 549		
SETEMBRO	183 177	186 769		
OUTUBRO	202 477	197 241		
NOVEMBRO	190 829	175 891		
DEZEMBRO	191 824	194 427		
TOTAL	2 263 821	2 236 879	1 309 080	0.9

Em termos de valores acumulados, com os dados de julho, temos agora uma ligeira baixa, de 1.2% para 0.9%, com descida nas aves (-0.5%) e outros animais (-2.9%) que ainda são compensadas pelos bovinos (1.2%) e suínos (4.1%), em alta. Considerando as empresas da amostra neste primeiro semestre, apenas 11 melhoraram a sua produção relativamente ao mês anterior, o que representa uma diminuição do número de empresas (14 no mês anterior), mas 13 as que apresentam melhores produções que as registadas em igual período do ano passado, representando 47.8 % de quota de mercado, contra os 43.8 % de 2014, o que significa um relativo aumento na concentração da atividade.

No que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em julho, uma subida de 6.5% face a 2014, com um acumulado de 2.0%, contra os 0.9% do mercado global. Apesar das dificuldades e da concorrência, este segmento continua bastante resiliente, com uma quota de mercado dentro da amostra de 39.3% em 2015, contra os 36.6% de 2014, nestes primeiros 7 meses, a que não é alheia a conjuntura dos bovinos e suínos e, para algumas empresas, a produção de alimentos para coelhos e pequenos ruminantes, para além de alguns movimentos empresariais.

Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos

(Valores Acumulados)

Toneladas

	Jan-Jul 2014	Jan-Jul 2015	Varição (%)
AVES	613 003	610 183	-0.5
BOVINOS	286 305	289 835	1.2
SUINOS	316 397	330 022	4.1
OUTROS	81 297	79 040	-2.9
TOTAL	1 297 002	1 309 080	0.9

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2014	2015	2014	2015	2014	2015	2014	2015
JANEIRO	84	80	45	42	49	50	13	12
FEVEREIRO	77	76	38	39	42	44	11	11
MARÇO	85	90	40	44	44	48	12	12
ABRIL	89	90	41	43	45	48	11	11
MAIO	91	87	40	35	45	47	11	11
JUNHO	89	92	39	41	44	46	11	11
JULHO	98	96	43	45	48	48	12	11
AGOSTO	89		41		45		10	
SETEMBRO	86		42		48		11	
OUTUBRO	92		44		51		10	
NOVEMBRO	81		39		47		9	
DEZEMBRO	86		45		53		10	
TOTAL	1047	611	497	289	561	331	131	79

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor avícola, o frango vivo situa-se entre 0.95 e 1.00 €/kg carcaça o que representa um ligeiro aumento em relação a julho, o peru nos 2.45 €/kg carcaça, com tendência de estabilidade, e os ovos estão agora em recuperação relativamente ao mês anterior, com cotações entre 0.95 e 1.00 €/Kg. Nos bovinos de **carne**, assiste-se a uma descida nos abates, com oscilação do peso médio (os pesos médios subiram no início do mês de julho para voltarem a descer e, no final do mês subirem novamente), e uma tendência de manutenção, a avaliar pelas informações da Bolsa do Bovino de 20 de agosto; o regresso de férias e da atividade normal dos principais centros de consumo parecem indiciar alguma subida de preços no curto prazo. No **leite**, os preços continuam em baixa e as preocupações dos produtores e Estados-membros, como Portugal, já chegaram à Comissão. Nos **suínos**, mantêm-se a estabilidade, com tendências divergentes nos principais mercados europeus, em que se perspetivam baixas nas cotações. O embargo russo, a que agora se junta a desvalorização da moeda chinesa, aliada às dificuldades em encontrar mercados alternativos – muitos deles “comprometidos” pela baixa dos preços do petróleo e crescimentos menores que o previsto (veja-se o comportamento dos BRIC) – tornam tudo ainda mais difícil. Em Bruxelas, exigem-se medidas de apoio como mais armazenagem privada, utilização de gorduras para biocombustíveis ou novos mercados para mitigar a situação atual mas toda a pecuária europeia está a ser fortemente abalada, a que se junta, na parte dos cereais, uma campanha europeia marcada pela seca em inúmeros países, que vai afetar as produções e produtividades. No entanto, as atenções convergem neste momento para o Conselho Agrícola Extraordinário de 7 de setembro, pedido pela França e por outros países, como por exemplo Portugal e Espanha, dia em que está prevista uma forte manifestação de produtores e organizações ligadas a toda a Fileira Pecuária. A Coligação “*Feed and Food*”, liderada pela FEFAC, estará presente, mas esperamos, acima de tudo que esta mobilização represente uma inversão de políticas e da forma como Bruxelas olha para a importância da atividade pecuária no contexto do desenvolvimento económico da União Europeia.